

«A Escola é hoje a forma consagrada da instrução letrada e o significado da alfabetização foi por isso reduzido ao de um estágio preliminar na formação escolástica. De tal modo que os critérios simples de alfabetização utilizados no passado (capacidade para ler ou assinar o nome) são constantemente repudiados como insuficientes, pois não provariam a posse dos talentos que uma longa educação escolar desenvolve. A história da alfabetização na Europa e a experiência atual da escolarização nas áreas rurais do chamado Terceiro Mundo consumiram as superstições a respeito da Escola pública moderna. A alfabetização na Escandinávia serviu para demonstrar que a sala de aula não era a via sacra obrigatória para a leitura. De facto, a Escola é um lugar recente da alfabetização e, mesmo durante a sua instalação em larga escala no século XIX, nunca foi o único, embora se tenha vindo a tornar o mais importante. A aprendizagem das letras desenvolveu-se, no passado, em vários contextos sociais, como fossem o grupo de amigos, a família, a comunidade religiosa, o ofício, o exército. (...) Era frequente o caso de artífices que ensinavam grupos de crianças nas suas oficinas. Evidentemente, a probabilidade de um indivíduo topar com alguém capaz de o ensinar a ler ou a de um autodidata adquirir materiais de estudo (livros, papel, tinta) eram tanto maiores quanto maior fosse o nível de alfabetização do meio em que vivia. Da instrução dos que o rodeavam dependeria também a pressão social que um analfabeto adulto ou o pai de uma criança podia sentir a favor das letras. Claro que, desde logo, os centros urbanos eram meios muito mais favoráveis a processos de aprendizagem deste tipo. Mas, em meio rural, a densidade de padres e de outros técnicos da escrita, como eram os escrevões, podia ocasionar os convenientes encontros com a cultura letrada e com gente capaz de ensino. Sabemos que a alfabetização tende a conservar-se de pais para filhos (os pais alfabetizados cuidam geralmente da educação letrada dos filhos). Podemos talvez pensar também que a instrução, além de se reproduzir de uma geração para outra, fosse capaz de ir contaminando um determinado meio a partir de alguns indivíduos infetados. (...) Historicamente, a expansão do sistema escolar nos países europeus do século XIX veio —em primeiro lugar— disciplinar a aprendizagem social da leitura. A instrução letrada foi sendo monopolizada pela escola, ao mesmo tempo que se concentrava num determinado período da vida do indivíduo, a infância. Mas o sucesso e a velocidade do processo de escolarização, conforme demonstraram pesquisas recentes sobre o crescimento do ensino público em França durante o século XIX, dependeram da base social que o prévio nível de instrução lhe pôde dar. Foi esse «primeiro limiar de alfabetização», através da procura educativa que gerou, que sustentou a instituição escolar. Ao fim e ao cabo, nada disto pareceria estranho aos responsáveis pela escolarização no século XIX, sempre afligidos pela resistência à escola, tanto maior quanto mais analfabeto era o meio social. (...) A presença da escola mais a persuasão das instituições governamentais, só por si (a simples oferta), não chegam para recrutar para a sala de aula a população em idade escolar. A integração de uma criança na escola parece ser quase sempre socialmente determinada. É função da instrução dos pais ou do seu estatuto social, fatores cujo efeito pode variar de acordo com o sexo da criança. A prova de que era necessário inverter o sentido do nexos causal entre o sistema escolar contemporâneo e a alfabetização veio dar um interesse especial ao estudo do sistema do ensino estatal do século XIX.»

Ramos, R. (1988). Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo. *Análise social*, 24(4, 5), 1067-1145. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223032571Q0nUJ7ty8Sg03SR3.pdf>



## Biblioteca

## Mostra bibliográfica nov' 2023

## Alfabetização

**Faculdade de Psicologia | Instituto de Educação**  
**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**Alameda da Universidade**  
**1649-013 Lisboa**  
**Tel.: 21 794 3891/92**  
**E-mail: [biblio@fpie.ulisboa.pt](mailto:biblio@fpie.ulisboa.pt)**

# Alfabetização

Amorim, R., Cerdas, L., & Castro, M. M. C. e (Eds.). (2019). *Alfabetização em diálogo: a parceira escola e universidade*. Letra Capital.

**FOR/PROF AMR\*ALF**

Castro, M. de S. L. de V. da F. (1992). *A alfabetização e percepção da fala*. Instituto Nacional de Investigação Científica.

**LING/COM CST\*ALF Ex. 1**

Castro, M. M. C. e, & Amorim, R. (Eds.). (2019). *Ensino da escrita: da alfabetização ao curso superior*. Letra Capital.

**DID/LING CST\*ENS**

Chartier, A.-M., J. Hébrard (Eds.) (2002). *La lectura de un siglo a otro: discursos sobre la lectura: 1980-2000*. Gedisa.

**LEI/LIT CHR\*LEC**

Escolano Benito, A., & Arnove, R. F. (Eds.). (1992). *Leer y escribir en España: doscientos años de alfabetización*. Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

**LEI/LIT ESC\*LEE Ex. 1**

Esteves, M. J. B. (1995). Os novos contornos do analfabetismo: analfabetismo ou iletrismo: o que é? quem são? onde estão? Departamento da Educação Básica/ME.

**LEI/LIT EST\*NOV**

Garcia, R. L. (Ed.). (1992). *Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio*. Cortez.

**LEI/LIT GRC\*ALF**

Gabriel, N. de. (2006). *Ler e escribir en Galicia: a alfabetización dos galegos e das galegas nos séculos XIX e XX*. Universidade da Coruña.

**HIST/ED GBR\*LER**

Galvão, A. M. de O., Melo, J. F., Souza, M. J. F., Resende, P. C. (Eds.). (2007). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Ceale.

**HIST/ED GLV\*HIS**

Gomes, M. de F. C., & Sena, M. das G. de C. (Eds.). (2006). *Dificuldades de aprendizagem na alfabetização* (2ª ed). Autêntica.

**LEI/LIT GMS\*DIF**

Gontijo, C. M. M. (2014). *Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais*. Autores Associados.

**POL/ED GNT\*ALF**

OCDE (1993). *Analfabetismo funcional e rentabilidade económica*. Asa.

**FOR/ADU OCD\*ANA**

Olson, D. R. (1998). *El mundo sobre el papel: el impacto de la escritura y la lectura en la estructura del conocimiento*. Gedisa.

**LEI/LIT OLS\*MUN**

Oliveira, L. M. de, Weschenfelder, M. H., & Santos, J. J. R. dos (Eds.). (2005). *Adulto também tem direito: do analfabetismo a uma política de educação*. Universidade de Passo Fundo.

**FOR/ADU OLV\*ADU**

Petrucci, A. (1999). *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Gedisa.

**HIST/ED PTR\*ALF**

Magalhães, J. (2010). *Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVIII-XX)*. EDUCA.

**HIST/ED MGL\*DA**

Morais, J. (2013). *Alfabetizar em democracia*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

**LEI/LIT MRS\*ALF**

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Pró-letramento: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem*. (2012).

Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica.

**LEI/LIT ME\*PRO Ex. 1**

Paula, F. A. (2013). *A alfabetização e tempos de alfabetizadora*. EDUNIOESTE.

**FOR/PROF PAU\*ALF**

Soares, M. (2010). *Letramento: um tema em três gêneros* (4ª ed.). Autêntica.

**LEI/LIT SRS\*LET**

Val, M. da G. C., & Marcuschi, B. (Eds.). (2005). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadina*. Ceale.

**DID/LING VAL\*LIV**

Vincent, D. (1993). *Literacy and popular culture: England 1750-1914*. Cambridge University.

**HIST/ED VNC\*LIT**

Viñao Frago, A. (1999). *Leer y escribir: historia de dos prácticas culturales*. Fundación Educación, voces y vuelos.

**HIST/ED VIN\*LEE**

Wagner, D. A. (Ed.). (1987). *The future of literacy in a changing world*. Pergamon Press.

**LEI/LIT WGN\*FUT**